



Trampo Duro:
Sozinho na Estação

Jefferson Sarmento

TRAMPO DURO:
SOZINHO NA ESTAÇÃO

Jefferson Sarmiento

**TRAMPO DURO:
SOZINHO NA ESTAÇÃO**

Trampo Duro: Sozinho na Estação
Copyright © by Jefferson Sarmento

O conteúdo desta obra, inclusive revisão ortográfica, é de
responsabilidade exclusiva do autor

Imagem da capa

63245493 - Man with gun by window © LoloStock

Rio de Janeiro, 2015

1ª Edição

Nenhuma parte desta publicação pode ser armazenada, fotocopiada, re-
produzida por meios mecânicos, eletrônicos ou outros quaisquer sem a
prévia autorização do autor

jeffersonsarmento.escritor@gmail.com

Notas do Autor

Trampo Duro: Sozinho na Estação foi originalmente publicado no blog EstaçãoBM em 10 capítulos, no fim de 2011. Foi na verdade uma tentativa de escrever uma série à medida que a história ia sendo publicada. Particularmente, gostei do resultado.

Antes de ler a história de Erik e Pattie, é preciso que entenda apenas uma coisa: Trampo Duro é um folhetim *noir* com todos os possíveis clichês do gênero. Embora o personagem principal não seja oficialmente um detetive particular, como o Sam Spade de Dashiell Hammett ou o Philip Marlowe de Raymond Chandler, os elementos principais estão lá: o cinismo, a canastrice entre o cômico e o violento, o ar durão com que o *herói* encara os problemas, o amor perdido, a investigação que o leva de ambientes grã-finos a pardieiros perigosos... Quase dá para imaginar que você lerá as cenas em preto e branco.

Mas não se engane, Trampo Duro não se leva a sério. É um história para se ler com um quê de cinismo também. É por pura diversão.

No fim, é tudo uma grande homenagem ao gênero e ao ator que melhor o interpretou: Humphrey Bogart. É a Casablanca, o melhor filme da história do cinema. Pense em Erik como um novo Rick e Pattie como a apaixonada Ilsa com uma arma na mão, tentando arrancar dele a salvação para o marido.

Ah, sim, claro... pense também na história de Eric Clapton e Pattie Boyd quando estiver lendo. Os nomes e apelidos dos personagens foram tirados (cinicamente?) da história do grande músico inglês.

Boa leitura.

Jefferson Sarmiento, setembro de 2015.

(Parte 1: Quando aquele traste entrou no meu bar e esfregou minhas feridas como se quisesse limpar as manchas de batom que Pattie deixou na gola da minha melhor camisa)

Fiquei um tempo sem tocar o *blues* quando o velho Jack morreu. Isso foi em 2003, naquele beco, nos fundos encardidos da Boca do Inferno. Numa noite só eu perdi meu melhor amigo e... Bem, não posso dizer que tenha perdido a mulher da minha vida. Eu nunca a tive. Nem por isso deixei de amá-la.

Seja como for, como o próprio Jack dizia, não é a gente que escolhe o ofício...

E ele estava certo. Muito mais do que poderia imaginar. De forma que hoje divido meu tempo entre o bar, o *blues* e... e o meu trabalho de verdade.

Sou pago para... *encontrar e recuperar* coisas. Embora você possa pensar que essa é uma expressão bem abrangente, preciso que entenda, meu bem, que ela não consegue explicar de fato os detalhes do meu... *serviço*.

A maioria das pessoas pensa no trabalho como um peso que tem que carregar, um fardo que deve suportar entre um fim de semana e outro. Eu, por outro lado, gosto do que faço. E eu sou bom nisso. Tenho... como posso dizer?... um dom para a coisa!

Sim, eu gostaria de dizer que o bar me dá o dinheiro que preciso para o meu sustento. Mas isso seria mentir. Seja como for, quando as coisas ficam feias, é Robert Johnson quem vem me acalmar os nervos e me lembrar:

Eu não vou pro inferno sozinho.

...

Em geral, eu mantenho meu trabalho de verdade longe do bar. Não é uma questão de estilo, é uma escolha racional. Não gosto de misturar trabalho e diversão. Seja como for, também não sou o tipo de sujeito afeito a regras. Nem as minhas próprias. De forma que... não sei exatamente qual dessas regras quebrei ou não naquela noite, mas me lembro perfeitamente de ter deixado o cigarro na beira do balcão para preparar o velho Johnny como eu gosto; duas pedras de gelo e doze segundos com o gargalo seriamente intumescido na direção do inferno. Já estava terminando quando o Sam veio me avisar:

– Erik, aquele cara na porta tá procurando você.

Levei alguns segundos pra reconhecê-lo. O sujeito parecia saído de um filme de terror. E ele não era o mocinho da estória. Era o coitado que vivia morrendo de medo e morria no final, comido e vomitado pelo Frankenstein. O traste na entrada do bar podia até não estar morto, mas assim parecia – mastigado e escarrado pelo pimpolho da Mary Shelley. Mandei servir-lhe um *drink*, por minha conta. O indivíduo disse que não bebia. Dá pra acreditar? Mandei trazer uma água mineral.

– O Antero disse pra eu procurar você – ele disparou, entre ofegante e desesperado. Fiz sinal para que se sentasse. O coitado quase derrubou a cadeira e caiu de costas.

Hotel Ribalta, final dos anos 90. Década interessante. Naquele tempo eu ainda tinha sonhos. Naquele tempo eu achava que ia redimir o mundo com meu sorriso e minhas paixões. Eu achava que podia tocar *blues* a noite toda e ainda apreciar o nascer do sol no alto das pedras que ficam no final do cais, tendo minha garota do lado e uma taça com Martini na outra mão. Como eu era idiota!

Lembrei do Antero. Lembrei de outras coisas também.

– Achei que ele estivesse nos confins do Amazonas a essa altura, fugindo da própria sombra – estranhei...

– Ele vive na Baía do Diabo, numa traineira ancorada na vila dos pescadores.

– E por que ele mandou você me procurar?

– Ele disse que... só você pode me ajudar.

– E por que eu faria isso?

– Pattie foi raptada.

Fiquei em silêncio. Mudo. Fiquei olhando praquela verme; aquela ameba saltitante. Não consegui desviar os olhos dele. Minha vontade era agarrá-lo pelo colarinho e fazer com ele o que deveria ter feito há muito... Um ou dois só. Nada que o dentista não pudesse dar conta em quatro ou cinco consultas. Conheci muita gente na vida, é verdade. Mas havia apenas uma Pattie. E, não fosse por ela, eu não me culparia até hoje por ter deixado Jack Seis Dedos morrer sozinho naquele beco escuro que o pessoal de Cerro Calina batizou carinhosamente de Boca do Inferno – um pedacinho mágico da Baía do Diabo lá no meio do estado. No fim das contas, a garota estava viva, mas preferiu ir pra casa com aquele... Como ela podia?!

– Não entendi ainda por que o Antero mandou você me procurar. Procure a polícia.

– A polícia não quer me ajudar porque... porque o Emílio Vidigal está envolvido.

Levantei a sobrelha esquerda. Não foi voluntário. O que era um mau sinal.

– O que houve com Pattie? – consegui perguntar.

– Recebi apenas este bilhete – ele me entregou um pedaço de papel. Estava escrito:

Ruínas de Qwatzuan. Terça. Oito horas. Leve o testamento.

– O que isso quer dizer?

– Fui designado para o inventário de um alemão chamado Hans Lutwig, dono de algumas terras entre a Enseada dos Novenos e a Baía do Diabo...

– Qwatzuan.

– É. Mas está tudo abandonado desde a tempestade de 2003. Tentaram construir um hotel novo por lá, mas o empreendimento faliu. O alemão faliu junto. Morreu há um ano. Assim que o juiz me designou como inventariante do espólio, comecei a receber ligações.

– Que tipo de ligações?

– Ameaçando a mim e a minha família se eu não destruísse o testamento. Na semana passada, Pattie me ligou de casa e disse que um homem estava lá e queria falar comigo. O homem disse... disse... *estamos levando sua mulher*. E desligou. Voei para casa e, quando cheguei, encontrei o bilhete preso na geladeira. Graças a Deus as crianças estavam na escola.

– Hoje é quarta-feira. Você foi a Qwatzuan?

– Fui. E, mesmo sabendo que perderia minha licença e poderia até ser preso, levei o testamento. Eu só queria Pattie de volta. As crianças... as crianças estão desesperadas e...

– Me poupe do dramalhão. O que houve em Qwatzuan?

– Três homens apareceram e me derrubaram. Levaram o testamento e eu não tive notícias de Pattie.

– Como sabe que o Emílio está envolvido?

– Consegui ver a placa do carro em que os três homens fugiram. Levei para a polícia. E eles me mandaram simplesmente ir embora. Liguei para um amigo meu no Departamento de Trânsito e ele confirmou que o carro está no nome... do vereador Rioverde.

Soprei o ar desanimado. Darci de Rioverde era irmão da mulher do bicheiro Vidigal. E a família não fazia nada sem que Papa Emílio ficasse sabendo. Mexer com esse tipo de gente é o mesmo que apontar uma 45 para a própria têmpora, apertar o gatilho e esperar a bala ricochetear no seu crânio feito uma amora madura.

– Vou encontrar a *Nell* pra você.

– Não a chame assim. Sabe que eu não gosto.

– Pattie, eu quero dizer. Vou encontrar Pattie e levá-la de volta a você.

– Quanto isso vai custar?

Fiquei olhando aquele filho da puta.

– Pra você, nada.

Pra mim – pensei – o que quer que tenha sobrado do meu coração. Se é que sobrou alguma coisa.

(Parte 2: Quando as lembranças ruins daquele dia chuvoso na estação me fizeram baixar a guarda e ouvir o clic do revolver bem no pé do meu ouvido direito)

É claro que meu coração falseou uma batida quando aquele traste me disse aquilo tudo. Mas, sabe, eu sou desses que jamais dá o braço a torcer. Não para ele. Pra ninguém, na verdade, mas muito menos para ele. No fim das contas, aquela Ameba Saltitante ficou com a garota. E eu ainda espero que ele se contente com isso, mesmo quando acorda à noite, olha para o lado e vê que ela tem um sorriso no rosto. Ele sabe, sempre soube, com quem ela está sonhando.

Seja como for, eu prefiro pensar assim.

Por isso, quando ele se levantou para ir embora e, da porta, lançou aquele olhar desesperado, traguei meu cigarro levemente e acenei com a ponta dos dedos para que ele fosse embora. O desgraçado deve ter imaginado que eu era uma pedra de gelo, que eu não faria nada com seu pedido.

Dois minutos depois, perguntei ao Sam se o traste já havia virado a esquina.

– Sim, Erik.

Assim, tomado por um senso de urgência só comparado ao pecador tentando escapar do Tisnado em casco e chifres, levantei-me e resolvi agir. Pattie estava há tempo demais nas mãos daqueles patifes. O desgraçado deixou passar uma semana inteira para me procurar.

...

Havia um lugar, uma pessoa apenas que poderia me falar de Emílio Vidigal e de Qwatzuam ao mesmo tempo. Posso dizer que saber disso era uma dessas sortes que o destino escreve com a ponta de uma navalha, riscando risos sarcásticos em troncos macios. O problema era que eu já havia... como posso dizer isso de uma maneira branda?... eu já havia estragado as coisas com essa pessoa e só me restava ir até o lugar e... esperar encontrar alguma coisa.

A casa ficava na Praia Nobre, nome bacana para um lugar de bacanas. Você passa por uma guarita com um guarda mal-encarado para entrar naquela plantação de casarões à beira da enseada. Nada difícil se você conhece o gosto por gim barato que o pobre diabo alimentou por todos esses malditos anos levantando e abaixando aquela cancela pintada de zebra.

Dirigi até a rua de trás da casa e decidi caminhar até o muro dos fundos. Fazia uma noite fresca e as crianças ainda

brincavam na rua. Torci para que não houvesse ninguém na casa e fiquei feliz feito um garoto com uma revista nova no colo quando percebi todas as luzes apagadas. Saltei o muro baixo e me perdi pelo jardim. Encontrei a porta da cozinha fechada. Nada difícil.

Dentro da casa, segui para o escritório. As coisas não tinham mudado muito desde minha última visita. Só esperava não ter que sair dali às pressas outra vez. Aquele tiro quase acertou meu traseiro na curva da esquina...

A coisa boa com sujeitos organizados é que só precisamos de alguns instantes para achar o padrão. Você pode dar uma olhada na gaveta de cuecas do engomadinho e logo nota a sequência de cores. Desse modo, não foi difícil encontrar o arquivo com a pasta de Emílio Vidigal e aquele outro sobre a obra embargada na praia esquecida de Qwatzuam. Eu estava saindo com meu butim sob o braço direito quando percebi a foto sobre a mesa central. Parei. Peguei o porta retrato. Fiquei admirando aquela mulher magnífica em seu meio sorriso morrendo no canto dos lábios carnudos, o rosto inclinado, sereno, doce como uma gata siamesa ronronando aos pés do dono, pedindo um carinho e um pires de leite.

Meus olhos caíram um pouco até o decote do vestido na foto de busto escondido pelo braço coberto. O anel de casada algemava seu dedo médio da mão que não aparecia na foto. Mas em seu pescoço eu podia ver o colar de brilhantes que o marido lhe dera na noite de núpcias. Lembrei-me imediatamente do motivo de ter saído às pressas daquela casa na última vez.

Deixei a foto sobre a mesa e me precipitei pela sala para dar o fora. Naquela outra noite, mil anos atrás, eu havia me atrasado. Eu estava bêbado. Eu estava molhado de chuva. E cheguei na hora errada. O problema com os bêbados é que eles não percebem as coisas de pronto e a língua, em geral, é mais frouxa que saia de biscate. No mundo em que vivemos (e creio que em nenhum outro) você não pode passar a tarde esperando a mulher de sua vida numa estação de trem, tomar um bolo e ir querer chorar as mágoas com uma garrafa de Bourbon no colo de sua amante casada com o promotor...

Principalmente se o promotor estiver em casa.

Sim, eu tinha passado aquela tarde na estação, esperando por Pattie. Íamos dar o fora daquela enseada maldita. Pegaríamos o trem das onze para o Rio de Janeiro e viveríamos de amor até secar na cama. Eu tinha um riso besta, do tipo que os homens têm quando se apaixonam (o sorriso é

sempre besta), e dois *tickets* marcados com o carimbo daquela senhora simpática no guichê, que ouviu maravilhada sobre nossa linda história de amor... Mas às nove da noite, quando o último trem partiu, eu meio que percebi que Pattie não viria. Assim, resolvi entregar meus centavos no primeiro botequim que surgisse. E, bêbado, decidi visitar a casa do promotor, mesmo depois de contar para Gilda que eu não a veria mais porque estava deixando a cidade com outra.

Mulheres traídas costumam ser cruéis...

De volta ao presente... Eu já estava de saída, meio perdido naquelas lembranças miseráveis, quando escutei o *click* bem perto da minha cabeça. Era um *click* de revólver engatilhando. Conheço um a quilômetros de distância. Imagine bem dentro do meu ouvido direito. Porém, antes de me virar e encarar o promotor que teria todos os motivos e desculpas possíveis para me passar desta para... outra vida (possivelmente nada melhor), o *pow* explodiu na minha nuca.

Era o fim.

(Parte 3: Quando eu fiquei me perguntando por que diabos não me apaixonei por Gilda, uma mulher muito mais bem resolvida e com dinheiro do marido para gastar comigo)

Conheci a mulher do promotor Hayworth alguns anos antes de tropeçar em Pattie feito um soldado desastrado engastalhando a sola numa mina terrestre. Era uma mulher não apenas bonita, mas elegante e decidida como poucas que conheci. Ou, por outra, jamais tive o prazer de ser apresentado a uma igual. Atrevo-me a dizer que... jamais houve uma mulher como Gilda Rayworth. Um lago de frieza e altivez em sociedade. Um furacão destruidor naquela enorme cama com dossel que o promotor havia comprado para seu quarto e pouco usava – sempre preso em casos e mais casos de corrupção naquele seu escritório no tribunal, negligenciando Gilda como se acreditasse mesmo que sairia impune.

...

Senti uma fisgada de anzol na nuca, enquanto decidia se ainda estava vivo ou outra coisa. Fui abrindo os olhos devagar, vendo estrelas e passarinhos de desenho animado dançando em frente aos meus olhos. A sala estava às claras agora

e aquele aperto que eu sentia no peito não era a angústia do amor não correspondido... eram cordas amarando-me aos pés do sofá. Ouvi o ruído de um isqueiro acendendo. Virei a cabeça. Outra fisgada lancinante no pescoço. Ela tinha me acertado do jeito certo: com força.

– Pensei que não fosse acordar mais – ela disse, acendendo o cigarro. A arma com cuja coronha me acertara estava na mesa, muito longe para que eu pudesse pegá-la.

– Por um instante pensei que tivesse morrido e que a Vênus em pessoa estivesse aqui para me dar as boas-vindas.

– Poupe-me do seu cinismo. Como se atreve a voltar aqui depois de tudo?

– Pensei que devesse isso a você... uma explicação ou um pedido de desculpas. Então resolvi fazer essa visita, querida.

– E as pastas que estava levando...

– Encontrei jogadas por aí e resolvi guardá-las.

– Não teria nada a ver com o súbito interesse do bicheiro pelo testamento do alemão?

Hm... Gilda não era uma qualquer. Mas daí a supor com precisão o motivo por que eu estava ali...

– Vou lhe dizer por que está aqui – ela me desafiou. Jogou para trás os longos cabelos castanhos e me encartou

com aqueles olhos que derreteriam as calotas polares. Entendi depressa como foi que ela convenceu o promotor a não me perseguir depois daquela noite. Quem é que conseguiria contrariar uma mulher daquela? – Um certo advogado com ar de débil mental procurou você porque o bicheiro sequestrou sua mulher em troca do testamento do alemão. E você veio aqui porque sabe que meu marido foi quem embargou a obra na praia de Qwatzuan.

– Por que você pediu ao seu marido que não fizesse nada comigo?

– Naquela noite, rezei para que ele acertasse você. Não na sua bunda. Queria que acertasse entre as pernas...

Fiz uma careta.

– Mas depois...

– Depois...

– Depois nada – ela cortou. Percebeu naquele instante que estava prestes a fazer uma declaração. Não ia entregar assim barato. – Agora ... – ela olhou no relógio – você tem quinze minutos, antes de o promotor chegar, para me dizer por que eu o deixaria ir.

– Você não teria coragem de me entregar...

– E diria que tentou me estuprar.

– O quê?!

– Eu contei a ele que você era apenas um pobre diabo apaixonado que não tinha suportado meu decoro de mulher casada. Ele acha que você é uma espécie de doente de amor por mim.

– E ele acreditou que você nunca cedeu?

Ela colocou o cigarro na minha boca. Traguei.

– Que homem não acreditaria numa mulher santa e distinta como eu?

Que idiota, pensei.

– Vamos. Dê cá uma boa razão – Gilda insistiu.

– Se o promotor me pegar aqui, possivelmente vai me matar.

– Pedi uma boa razão para soltá-lo e não para me animar a esperar meu marido.

– Acho que mereço coisa pior que a morte, considerando o tanto que a fiz sofrer.

Ela sorriu. Ficou me olhando com um ar divertido, do tipo *ele é um canalha cínico, mas é o melhor canalha cínico de todos os tempos*. Esse sou eu.

– Você não vai ter conserto nunca – sentenciou.

– Quer mais? Você me desamarra, me entrega as pastas, eu salvo a mulher do paspalho e ela volta pra ele. E eu mergulho no sofrimento outra vez. Vou passar meses enchendo a cara de uísque vagabundo e dormindo na sarjeta.

– Como se sente sabendo que ela trocou você por aquele... aquele... aquilo?

– Doçura, você está indo longe mais. Não pode pisar assim no orgulho de um homem.

– No que resta dele, se é que ainda tem um, não é? Pois vou fazer melhor que entregar as pastas a você. Vou lhe dizer por que o bicheiro quer o testamento do alemão.

– Ouço melhor quando estou desamarrado.

Ela não levou muito tempo para se decidir. Desatou o nó com rapidez e precisão. Lembrei-me de uma ou duas vezes que ela fez o mesmo, mas naquela ocasião eu estava amarrado na cabeceira da cama. A mulher era boa em dar e soltar nós.

Eu estava de pé, massageando os braços.

– Então me conte, meu bem. Por que o bicheiro está atrás do testamento do alemão?

Ela se virou e pegou alguma coisa dentro da pasta com os arquivos da praia de Qwatzuan.

– A obra do alemão foi embargada oficialmente por falta de uma licença ambiental. Nada complicado de se conseguir. Mais dia, menos dia, ele iria ter o maldito documento, mas então encontraram...

Ela estava voltando-se para mim quando aconteceu. Veio da janela da sala. O vidro foi estilhaçado e o clarão não deixou dúvida de que tinha sido um tiro. Mergulhei no chão e levei Gilda comigo. Busquei na mesa o revólver .22 da mulher do promotor e mirei na janela. Atirei duas vezes. Mas não precisei de muito tempo para saber que já não havia mais ninguém lá. Baixei os olhos para ela e... e percebi que o tiro não era para mim.

Ela estava balbuciando algo e sangue vertia do canto de seus lábios. O tiro acertara bem acima do abdome. Era fatal.

– Pe... pe... ghhhh... – ela tentou antes de morrer em meus braços.

Queria que eu pegasse o papel que estava em suas mãos. Bati os olhos num recibo do Mercado de Peixes da vila dos pescadores e foi quando ouvi as sirenes. Já dava pra ver as luzes pela janela: tinham armado para mim.

(Parte 4: Quando percebi que tinha me metido numa encrenca bem maior do que poderia ter imaginado só olhando para a cara daquele traste marido de Pattie)

Com a inesquecível Gilda morta em meu colo e seu sangue quente manchando minha roupa e alimentando minha tristeza, vi as luzes vermelhas dançando alucinadas através da janela estilhaçada. Eu tinha uma arma na mão e a mulher morta do promotor para poder explicar. Decidi que argumento algum seria bom argumento. Deitei-a sobre uma almofada de seda e me levantei. Dei uma última olhada naquela pequena. Uma perda irreparável para a humanidade. Saí de cena às pressas, carregando as pastas roubadas do escritório do marido traído. Segui para os fundos da casa e de lá para o muro que limitava a propriedade do promotor com a do vizinho. Era noite e consegui saltá-lo sem muitos problemas. Fui perseguido por dois cães muito feios e consegui escapar por uma rua lateral como estava minha vida agora: angulosa, esquisita e escura. Era só Pattie aparecer outra vez para o mundo desandar.

Eu disse no começo que meu trabalho era encontrar coisas e pessoas. E que eu era bom. Não menti. Eu sou. Mas, em geral, o trabalho pode ser concluído com uma boa dose de conversa entre as partes. O problema ali era que eu nem tinha começado a conversar e os tiros pipocavam como cerejas em bolos de debutantes. Entendam que o problema de se negociar com homens feito o bicheiro é que você tem que ter algo pra vender. Tem que ter uma arma secreta ou pelo menos saber de algo que possa usar. Eu não tinha nada, por isso tinha vindo buscar informações sobre ele e Qwatzuan. E agora Gilda estava morta. Por quê?

Decidi seguir a pista que tinha, antes ainda de confrontar o Vidigal.

...

O recibo que Gilda tentava me entregar era de uma loja específica do mercado de peixes. Mar Aberto era o nome da banca. Na nota havia os rabiscos de compra de alguns quilos de camarões grandes e algumas manchas pretas de graxa, eu acho. Entrei no galpão do mercado quando o sol ainda se espreguiçava na manhã do dia seguinte. Tinha passado a noite em claro lendo o material sobre o bicheiro e o pedaço de praia do alemão. Não havia nada de útil naquelas pastas. De modo que era uma sexta-feira cruel como uma verruga para mim.

Estava um trapo. A morte de minha ex-amante contribuía. E aquele cheiro miserável de peixe em toneladas estava funcionando comigo feito alicates puxando minhas unhas.

A banca Mar aberto era uma das últimas e, antes de chegar lá, pesquisei com alguns conhecidos sobre quem encontraria. O dono era um rapaz forte, cabelo anos cinquenta e ar de cafetão.

– Mas é um bom rapaz – meu informante disse. – Religioso e trabalhador. Cuida da fazenda de camarões do Sítio Mar aberto, que foi daquele alemão, dono daquela praia em que iam fazer um hotel enorme...

O santo homem não foi trabalhar naquele dia, o que me deixou sinceramente preocupado. Achei por bem fazer uma visita em sua residência. Morava na vila dos pescadores, num casebre entre um bar e uma tenta pentecostal. Bati, bati, bati e ninguém veio me atender. Mas não ia sair assim dali. Dei a volta e entrei pela porta da cozinha. A casa estava um lixo. Casa em que só vive um homem, se me entendem. Na sala, encontrei redes de pesca jogas, iscas, uma tevê de quatorze polegadas, Bíblias, material religioso e até panfletos da Igreja dos Santos Dias do Senhor Jeová em Carne e sem Pecados.

Um bom rapaz, eu estava concluindo, até esbarrar com dois cheques enfiados em um caderno de contas. Folhiei as

anotações. Passei os olhos pelos cheques. Eram da Câmara Municipal. Preenchidos a máquina. Dava pra sentir o cheiro de sacanagem naqueles papéis. Estavam nominais a Teodoro Esculápio: o dono daquela casa e da banca Mar Aberto. O mesmo que cuidava da plantação de camarões do alemão morto de Qwatzuan.

– O que está fazendo aqui?

Fui pego de surpresa. Virei-me para encarar o sujeito sem camisa que parecia um armário. Trazia uma faca na mão esquerda (canhoto, heim...) e o objeto quase sumia por causa de seu tamanho. O problema era que em mim aquela faca faria mais estrago do que aquela noite inteira sem dormir.

– Estou procurando você.

– Estava roubando meu pagamento...

– Esses cheques? A Câmara anda comprando peixes do você?

– Não! Recebi pelo meu trabalho para o vereador Rio-verde.

Minha sobrancelha esquerda se levantou sozinha. Era um cacoete.

– Como assim?

– Você é da polícia?

– Mais ou menos. Você faz o que pro vereador?

O rapaz ficou confuso por alguns instantes. Pensei em arrancar a faca de sua mão, mas ele podia me estrangular com tanta facilidade quanto eu poderia dar conta daquelas baratas passeando pelos cantos das paredes.

– Abaixee essa faca, quero apenas conversar com você.

Ele obedeceu. Ganhou alguns pontos comigo – pelo menos no quesito *rapaz trabalhador e religioso*; mas no quesito *neurônios* ficou longe da pontuação mínima. Depois de me fazer um café horroroso, sentou-se para responder algumas perguntas. Vou pular a parte das apresentações, resumindo que era um rapaz pobre, que cuidava da área que pertencia ao alemão Hans e que não tinha a mínima ideia do porquê de aquele recibo de camarões ter sido me entregue como uma pista seja do que for.

– Mas o que faz mesmo para o vereador?

– Na verdade nada. Ele me procurou há dois meses. Eu sempre levo peixe pra ele, naquela casa que tem perto da serra. Num desses dias... ele me ofereceu um emprego de assessor. Mas eu não tenho que fazer nada. Recebo dois cheques. Ele vai ao banco comigo uma vez por mês e eu saco um. Entrego para ele o dinheiro. É pelo menos o dobro de cada um desses outros que ele me dá.

Mutreta comum entre os Edis: repartir o salário dos assessores. Até aí, nada de novo.

– Por que não sacou os seus?

Ele deu de ombros.

– Meu pai me ensinou que precisamos trabalhar pelo nosso sustento. Ainda não achei motivo pra receber esse dinheiro aí.

Um santo homem. Comecei a sentir enjoo. Era melhor sair dali antes de vomitar com tanta honestidade. Não estava acostumado com isso.

Mostrei a ele uma foto de Pattie – uma que nem ela sabia que eu tinha.

– Ei, vi essa moça na casa da serra. Ela estava mesmo lá!

– Quando foi isso?

– Há dois dias. Quem é ela? Ela estava muito triste. Ia dar um panfleto da minha igreja pra ela, mas aqueles homens de terno que andam com o seu Vidigal não deixaram.

– O Vidigal estava lá?

– Não nesse dia. Mas já o vi por lá algumas vezes. O senhor vai procurar essa moça lá?

– Pretendo fazer isso agora.

Ele olhou no relógio.

– Acho melhor o senhor correr. Aquele sujeito com uma cicatriz que estava vigiando o chalé dela disse que ela só ia ficar até sexta-feira e depois ia almoçar com o alemão.

Arregalei os olhos.

– Como assim?!

– Não sei. Perguntei se era o seu Hans, mas ele riu. Não deve ser o seu Hans, né, moço? Afinal, o seu Hans já morreu, né? Como é que ela ia almoçar com o seu Hans, né?

*(Parte 5: Quando a urgência tomou conta de mim
naquela estrada estreita até a serra, certo de que Pattie
estava prestes a encontrar o velho Hans Mortinho da
Silva!)*

É um desses fatos inquestionáveis da natureza humana e posso garantir que sou humano demais para ser imune a ele: homens apaixonados são idiotas de crachá. Não me canso de ouvir e dizer, porque a estrada que leva até a casa da serra é um recorte de jardim de infância numa folha de papel verde. A criança não apenas não tem coordenação motora para o trabalho como também a tesoura é cega. Um asfalto estreito e cheio de curvas que descambam para abismos mais profundos que o meu coração partido. Mesmo assim, o idiota em questão cruzou aquele caminho torto de Deus como quem participa de uma corrida numa pista larga de aeroporto: para salvar Pattie.

Em certos momentos, as rodas de trás do calhambeque riscavam o asfalto podre e paqueravam sordidamente com o

barranco revoltoso. Mas era só uma parte da minha consciência fermentada em todo o Bourbon daqueles anos que realmente murmurava esse perigo ignorável. Todo o resto alucinava pela possibilidade de não chegar a tempo para salvar Pattie, certo que estava de que iriam matá-la imediatamente – por quê? Nem me passava pela cabeça e era uma pergunta irrelevante no momento.

Portanto, só percebi que a coisa estava realmente ruim quando estava aos portões da propriedade, encarando perplexo o casarão em chamas ao fundo da entrada escoltada por ipês floridos. De longe, como eu estava, dava pra imaginar que as chamas eram coroas tremeluzentes no cocuruto das flores amarelas. Uma cena linda de se ver. E demorei instantes fatais para perceber o que acontecia: alguém tinha posto fogo na casa do vereador.

...

O carro ficou na entrada e corri pela estrada de ipês com a arma na mão, como se com ela pudesse apagar o incêndio. No pátio largo em frente ao prédio em chamas encontrei dois homens debruçados sobre poças do próprio sangue. Virei o primeiro deles. Não sabia quem era. Já o segundo...

Sob o clarão das chamas do casarão que se consumia, o vereador Darci Rioverde ainda expirava sangue. Notei o ferimento a bala em seu peito. O sujeito entreabriu os olhos, mas parecia tão distante quanto um mosteiro no Himalaia. Tentei segurar o sangue que lhe esvaía em golfadas através da camisa empapada.

– O que aconteceu aqui? Onde está Pattie?! – resmunguei apressado.

– Prm... brukj...

Deve ter aprendido isso com o velho Hans. Larguei o moribundo. Não sabia a língua dele. Levantei-me para olhar as chamas e vi o carro batido aos fundos. Estava abraçado a uma árvore. Corri até lá para reparar que uma rajada de balas desenhara o caminho de uma cobra na lateral do motorista – que estava caído sobre o volante como se tirasse um cochilo. O terceiro olho na têmpora esquerda me avisava que seria um cochilo bem longo. O mais impressionante, porém, estava no banco de trás. O promotor viúvo de Gilda. Mortinho da Silva também.

– Mas que merda!

E onde estava Pattie? O vereador, o promotor e seus lacaios tinham ido almoçar com o Hans e a teriam deixado

para trás? Em geral, não eram homens muito adeptos do cavalheirismo. Comecei a desesperar com a possibilidade de ela estar na casa. E estava olhando ao redor, tentando entender a coisa toda, quando ouvi as sirenes subindo a serra. Levei alguns segundos para raciocinar o seguinte: Gilda morreria em meus braços e a polícia estava chegando em menos de cinco minutos. Agora eu estava na cena de uma chacina com um incêndio ao fundo e lá vinham os homens da lei. Certo... poderiam ser os bombeiros, mas algo me dizia que a coisa não era tão simples.

Corri de volta até o vereador. Agarrei seu colarinho. Ia ter que aprender alemão às pressas.

– Quem fez isso?! – disse, chacoalhando o pobre coitado. Ele arregalou os olhos. Cuspiu sangue. Tremeu.

– T-tes-t...

– Diga!

– Test-a-a...

– Testamento! É por causa do testamento do Hans?

Quem está com ele? Onde está Pattie?

– V...V... Vi...

– O Vidigal? Foi o Vidigal que fez isso tudo?! Ele levou Pattie?!

Rioverde franziu a testa. Depois fez uma careta absurda. Depois babou sangue violentamente. Depois... morreu assim, sem a educação de responder minha pergunta. Não se pode mesmo confiar em políticos. De qualquer forma, era melhor eu dar o fora. Talvez pudesse subir mais a estrada e descer em seguida, para tentar procurar por Pattie depois que os policiais chegassem. Não era bom estar ali para recebê-los.

Bem, esse era meu plano, não fosse um inconveniente. Um saco de estopa sujo foi enfiado em minha cabeça com força e fui puxado para trás. Caí de costas, às cegas. Antes de acabar de rolar, duas mãos poderosas me agarraram pelo colarinho e me ergueram só pra me jogar de volta contra... um... Não entendi de imediato onde tinha sido lançado, mas quando ouvi a porta batendo, percebi que estava dentro de um porta-malas.

(Parte 6: Quando finalmente me vi cara a cara com o poderoso Vidigal, o bicheiro mafioso que estava por trás de tudo aquilo, mortes e raptos... ou não)

Sacolejando sem parar na descida da serra, tateei pelo porta-malas em busca de qualquer coisa que me servisse para escapar daquela arapuca. Cada freada e guinada do carro era um hematoma em alguma parte nova do corpo. O sujeito dirigia como um adolescente voltando do baile e, em algumas curvas sem fim, eu jurei que iríamos parar lá embaixo do precipício. Encontrei uma faca jogada nos fundos do compartimento em que eu fora enfiado às pressas. Que sorte! Meu captor não tinha revistado o carro!

Bem... talvez nem tanta sorte. Tentei abrir a tampa do porta-malas enfiando a ponta da faca na fresta de abertura. Não consegui nada com isso. E assim descemos sacudindo feito coqueteleira em noite de baderna. Quarenta minutos daquela dança infernal. Meu corpo todo já doía quando ouvi um risco agudo de pneus cantando e o carro parou. Imediatamente ouvi a porta do motorista sendo aberta. Apressado e sem equilíbrio, agarrei-me à faca encontrada e esperei para

atacar assim que o porta-malas fosse aberto. O desgraçado foi mais rápido, porém. Abriu de supetão a tampa e fiquei cego por poucos segundos, por causa da claridade. O suficiente para ser atingido na testa por algum cabo de qualquer coisa. E foi tudo: apaguei feito uma lamparina sem querosene.

...

Abri os olhos devagar. Era a segunda vez que alguém me apagava com um tranco mal-educado. Desta vez, diferente de quando Gilda me acertou, a dor latejava forte na minha têmpora esquerda. Devia estar enorme. A penumbra do lugar ajudou a me acostumar com o ambiente. Estava caído no canto de uma sala cujas paredes forradas de estantes de livros e um quadro torto nos fundos cheirava a charutos cubanos. Pisquei forte e encarei o vulto à minha frente. Estava sentado numa poltrona grande, dessas com braços. Parecia olhar diretamente para mim, mas a pouca luminosidade não me deixava ver seus olhos. Mas, diabos me carreguem, para quem mais ele estaria olhando?

– Era só me convidar e eu teria vindo para um drinque, sem maiores problemas – eu gemi. Tentei me sentar e a cabeça vibrou como um sino. Emílio Vidigal não esboçou reação al-

guma. Minha piadinha surtia tanto efeito quanto um comprimido de *alka seltzer* faria para a minha dor de cabeça. Nunca vi ninguém receitar antiácido para uma pancada no cocuruto.

O tempo foi passando e aquele pulha me encarando.

– Imagino que queira saber por que eu estava lá na casa da serra...

Sem resposta outra vez. Alguma coisa caiu de sua mão esquerda, pousada no braço da poltrona. Nada muito grande, mas percebi de pronto. E ele lá, o grande Vidigal, impassível.

– Olha, estou apenas procurando uma amiga e me disseram que você... poderia saber onde ela está.

Nada. Eu estava ficando impaciente. Mas ia fazer o quê? Pular no pescoço dele? Em dois segundos haveria mais capangas ali pra me acertar a testa do que em toda a guarnição pessoal do aiatolá. Agarrei-me nas estantes e comecei a me erguer. Desequilibrei e bati o ombro contra o quadro. Achei que ele fosse cair, mas apenas entortou mais... de uma maneira diferente. Não como um quadro entortaria, mas como uma porta se entreabriria com uma ombrada. Não dei atenção no momento.

– Escute – eu disse, já de pé. E então a mudança de posição me deu um novo ângulo para a cena. E ela não foi

uma visão exatamente rotineira, mas naqueles dias esse tipo de coisa estava ficando normal, nada surpreendente.

Aproximei-me devagar do Vidigal sentado em sua poltrona de poderoso chefão. E o que vi foi um velho grandalhão com uma faca enorme nas costas. Outra coisa despencou de sua mão. Olhei para ela. Estava ensanguentada. Eram gotas de sangue que lhe escorriam por dentro do paletó e encharcavam o tapete.

– Não me fode... – gemi, esquecido completamente da dor na testa.

Olhei para os lados. Não havia mais ninguém na sala. Bati os olhos sobre alguns papéis revirados na mesa. Estavam em completa desordem, como se alguém tivesse procurado por algo. O testamento? Não sei. Mas bati os olhos sobre um jornal do dia que estampava Mulher do Promotor Encontrada Morta! – e logo abaixo o comentário vil: polícia procura por misterioso ex-amante. E foi nesse instante que comecei a ouvir as sirenes. Olhei para a faca nas costas do bicheiro. Não dava pra ter certeza, mas algo me dizia que era a mesma que eu usara no porta-malas, plantada ali para que eu colocasse mais digitais nela do que num cartão de identidade civil.

Agora era oficial: estavam armando pra mim.

Ato contínuo, arranquei a camisa, amassei-a e peguei o cabo da faca. Esfreguei-o, raspei-o, limpei como pude, ouvindo a sirene aumentar de volume. Não era um carro só. Tentei de fazer o trabalho com mais rapidez. Em trinta segundos, achei que tinha sido um bom trabalho. Vesti a camisa e estava me virando quando reparei de novo o braço da poltrona. Havia algo rabiscado lá, bem perto da mão do defunto. Eram três números. Ele escrevera com o dedo sujo de sangue. 35. 50. 65. Não dava pra ficar raciocinando mais nada, mas dei uma curta olhada para o quadro torno na parede. Certamente havia um cofre ali. E aqueles números...

Usei o antebraço e manchei os números de sangue. Ninguém mais lia. Dei um pinote e olhei atrás do quadro. Empurrei a moldura de volta para seu lugar de origem.

Saí pelo corredor às pressas. A casa parecia vazia. Desci por uma larga e longa escada que dava para uma sala de artista de cinema – grande, chique e deslumbrante. Dava pra ver as luzes vermelhas girando do lado de fora, pelos vitrais caros das janelas. Tinha que encontrar outra saída.

Virei nos calcanhares e foi quando ouvi o grito de socorro. Vinha de uma sala à direita. E em qualquer lugar do planeta eu reconheceria aquela voz. Era Pattie. Olhei para as

luzes piscando na janela. Já dava pra ouvir as vozes dos policiais.

Olhei na direção da outra sala. Eu tinha que salvá-la. É claro que eu poderia apenas ir embora e deixar que fosse encontrada e salva pela polícia. Mas... um idiota apaixonado não raciocina direito e o que fiz foi correr até onde eu achava encontrá-la. Entrei na outra sala no momento em que o batalhão derrubava a porta principal. Pattie estava caída num canto escondido por duas cristaleiras imponentes, amarrada como um novilho para o abate. Ajoelhei-me a seu lado. Havia um hematoma em seu rosto e um corte na testa. Maldito Vidigal. Merecera o destino que tivera!

– Você está bem? – murmurei.

E ela me olhou com aqueles grande olhos negros e aflitos que tinha. O mesmo olhar de quando revelou seu amor impossível por mim, milhares de dezenas de eras atrás. Um olhar desses é a perdição de um homem...

(Parte 7: Quando tudo parecia ter fim...)

Eu tinha duas escolhas: esperar a polícia chegar à sala e me explicar ou dar o fora com Pattie e assistir de longe ao show. Lembrei da faca nas costas do Vidigal, da chacina na casa do vereador fuinha e de Gilda morrendo em meus braços. Era muita coisa para explicar. Nem um marido com as calças na mão e a aliança no bolso tem tanta coisa para explicar.

– Pattie, escute, temos que sair daqui. Depressa.

– Mas a polícia está chegando...

– Confie em mim!

Peguei-a no colo, amarrada ainda. Prefiro não comentar os pensamentos que tive com aquela cena. Carreguei-a por outra porta, seguindo na direção da cozinha. O batalhão armado fazia uma barulheira descomunal na sala.

– Erik, vamos voltar. Posso explicar tudo à polícia.

– Que foi sequestrada e que o resgate cobrado de seu marido era entregar o testamento do velho Hans ao Vidigal? Acho que não vai fazer bem à carreira dele.

Ela se calou. Chegamos à área de serviço. Perdi-me pelo longo jardim do bicheiro e chagamos a um portão que levava a outra rua. Desamarrei-a e saímos. Chamei um taxi. Parados na esquina, ficamos olhando o movimento.

– Sempre que precisei, você estava lá – ela disse. Encostou-se em meu peito. Tremi meio grau na escala Richter. Pensei em dizer-lhe que a recíproca não era verdadeira, mas deixei passar. Como se lesse meus pensamentos, ela murmurou: Às vezes fico imaginando o que teria acontecido se eu tivesse ido àquela estação.

– Eu teria ido com você até o fim do mundo.

– Acha que um dia... nós... ainda...

– Não me dou o luxo desses pensamentos, meu bem. Além do mais, você foi bem clara: tem a sua vida e não pretende mudar suas escolhas.

– Você fala de uma maneira... como se eu tivesse mesmo uma escolha...

– Sempre temos uma escolha. Você fez a sua.

– Precisava ser racional. Além disso... meu marido...

– Já ouvi essa estória, Pattie. Ele a perdoou. Seja lá o que tenha contado a ele... o perdão é uma vingança mais cruel que um tiro no coração.

– Conteí tudo a ele.

– Tudo?

Ela me olhou como se não entendesse a pergunta.

– O que você acha? – questionou, as entrelinhas gritando que uma mulher direita faria aquilo: confessaria todos os erros e deixaria de lado, para sempre, todas as mentiras, pelo bem do casamento. O taxi parou no outro lado da rua.

– Vá embora. Entre naquele taxi.

– E se... se eu ficasse. E se fôssemos embora agora, para sempre!

Era tentador, eu sei. Mas...

Beijei sua testa. Olhei para o outro lado da rua. Tive medo. No fim, sou apenas um desses covardes. Respirei fundo. Já tinha passado por aquilo antes. Não acabava bem. Pensei no sujeito decente que ela tinha em casa e na vida miserável que eu tinha. Ela jamais seria feliz comigo.

– Se aquele taxi partir e você não estiver nele, vai se arrepender. Talvez não hoje, nem amanhã, mas em breve e para o resto de sua vida.

– E nós?

– Nós sempre teremos Paris...

Percebi que ela corou ao baixar os olhos. E entendi que não havia contado tudo ao marido. Pelo menos não a parte do Resort Paris, onde passamos aqueles três dias memoráveis

em que ela deveria estar numa convenção para especialistas em libras.

– Eu disse... que nunca deixaria você...

Segurei seu rosto. Respirei fundo. E tentei explicar da melhor maneira possível.

– E você nunca vai me deixar. Mas tenho um trabalho a fazer também. E aonde vou não posso levá-la. Você não pode participar do que vou fazer. Pattie, não sou muito bom em ser nobre, mas qualquer um vê que os problemas destas três pessoas não são nada diante deste mundo louco. Um dia você ainda vai entender isso.

Ela se foi. Pela segunda vez. Quanto a mim... tinha mesmo um trabalho a fazer. Fiquei olhando o taxi virar a esquina. E depois comecei a caminhar de volta até a frente da casa do bicheiro Vidigal.

...

No tipo de trabalho que faço, uma hora ou outra a polícia acaba envolvida. Assim, espiei primeiro para saber quem estava atuando naquela diligência. E quando percebi a figura aquilina do velho delegado Falcão, perdi a timidez e resolvi me aproximar. Comprei antes um maço de cigarros para queimar o resto de Pattie em minha garganta e parei ao lado do homem da lei.

– Está perdendo o medo ou o velho Vidigal finalmente deixou um rastro para você farejar? – perguntei, insinuando que não sabia por que todo aquele alvoroço.

– Oi, Erik. Como estão as coisas no bar?

– Calmas. Sabe como é monótono por aquelas bandas.

Mas aqui...

– Aqui as coisas estão meio complicadas. Não espalhe ainda, mas alguém enfiou uma faca do tamanho de uma banana nanica nas costas do bicheiro.

– Meu Deus! O mundo está mesmo perdido. Não se respeita mais nada mesmo. Tem ideia de quem poderia ter feito uma barbaridade destas?

– Ainda não. Mas estou seguindo uma pista. Ontem à noite quase pegamos o sujeito que matou a mulher do promotor. E hoje... veja só, alguém ateou fogo na casa do vereador cunhado do Vidigal. Quando chegamos lá, encontramos todos mortos. Incluindo o promotor Hayworth.

– Mas o que o promotor estava fazendo lá? – agora era uma curiosidade verdadeira.

– Ainda não sei ao certo, mas...

O delegado com cara de ave de rapina e inteligência de ostra olhou para os lados. Chegou bem perto, como quem

toma um bourbon e conta ao barman que comeu a mulher do vizinho.

– Lembra do alemão que queria construir um hotel em Qwatzuan?

– Ele não morreu do coração?

– Pois é. Mas antes de morrer, vendeu a praia para o Vidigal. E... não vá espalhar uma coisa dessas, somos amigos, mas eu teria que tomar uma providência...

– Ora, desembuche. Sabe que guardaria um segredo seu por sete gerações.

– Andam comentando por aí que Hayworth chantageava o alemão porque descobriu que o gringo gostava de... bem...

O delegado fofoqueiro fez um gesto com as mãos.

– O alemão de Qwatzuan gostava de rapazes? – essa era nova.

– O promotor Hayworth tentou embargar a obra, sabe-se Deus por quê, durante uns dois anos. Não conseguiu pelas vias normais. Por fim, chantageou o alemão e ele acabou desistindo do hotel.

– Mas por que Hayworth queria tanto que o Hans desistisse do hotel?

– Isso eu não sei. Mas contam as más línguas que o processo contra o Vidigal foi arquivado pelo promotor logo que o alemão vendeu as terras da praia de Qwatzuan para o bicheiro.

Fiquei pensando naquilo, sem entender bulhufas. E então me ocorreu uma coisa.

– E a família do alemão? – perguntei.

– O alemão não tinha família.

– Não deixou um... testamento? – insisti.

– Aí é que a coisa fica engraçada.

– E qual é a graça?

– Tem esse contador lá do centro cuidando do inventário. Parece que o velho Hans deixou o que sobrou de seus bens para... veja só, para o caseiro. Um tipo meio bronco que vende camarões graúdos na feira.

Levantei a sobrancelha esquerda e fiz a conta simples que me passara despercebida todo aquele tempo: todas as pessoas que encontrara até então, com pistas sobre o desaparecimento de Pattie e o caso do espólio de Hans estavam mortas, menos o pescador matuto com o tórax do Tarzan.

(Parte 8: Quando descobri o porquê de todas aquelas mortes!)

A polícia ainda ia se demorar como comadre na beira do rio. Por isso, acendi outro cigarro e dei o fora, prometendo com um olhar de peixe morto que voltaria àquela casa e testaria os números de sangue que o Vidigal rabiscara com o dedo no braço felpudo da poltrona. A estória toda estava esquisita demais e parte de mim dizia que o trabalho chegara ao fim: Pattie estava salva. Mas eu não me contentava e decidi cobrar um favor antigo do patrão de um velho comparsa de Jack Seis Dedos.

Já citei o velho Jack, não foi? Pois bem, era o melhor no que fazia. Tocava aquele instrumento como se tivesse seis dedos de verdade e foi daí que pegou o apelido. Na noite em que morreu, ele precisava de alguém que lhe desse cobertura. E eu neguei, porque tinha marcado minha fuga com Pattie. Jack compreendeu, porque se havia algo que entendia eram os motivos tortos de um sujeito perdido para a bebida, para o jogo ou para o amor. Abraçou-me e disse que eu me cuidasse. Foi a última vez que o vi.

E Pattie me deixou sozinho naquela estação...

...

Eddie Sortudo esteve com Jack naquela noite. Foi ele quem descobriu o meu velho companheiro naquele beco escuro, com três tiros na barriga e balbuciando coisa com coisa como quem acaba de ver a carruagem dourada do anjo da morte. Eddie tinha esse apelido por causa do nariz grande e do olhar de pateta – parecia mesmo aquele amigo do Horrível Hagar. Eddie deveria dar cobertura ao Jack. Mas Eddie... era lento. Se eu estivesse lá...

– C-carne sem p-peca-dos... – Jack gemia. E Eddie tentando estancar o sangue que lhe brotava das tripas. Tive pena de Eddie. Tive ódio de mim por tê-lo deixado na mão.

O caso é que Eddie sofreu a morte de Jack como poucos. Talvez tanto quanto eu. E no enterro, disse para mim que ter deixado Jack morrer era como ter assinado uma promissória com o diabo: jamais entraria no céu. Eddie era assim. Acreditava mesmo naquelas bobagens. E depois disso, endireitou-se e foi trabalhar honestamente para o meritíssimo Deodoro Sampaio, o dono de nossas varas estaduais ao longo de todos os distritos da comarca. E eis que Eddie me apresentou, certa feita, a seu ilustríssimo patrão. Juiz supremo e cheio de trejeitos, meritíssimo Sampaio tinha uma quedinha por... rinhas de

galo. E, entre outras diversões escusas, nesse quesito ele des-
cia ao nível dos pobres mortais onde reinava eu, não como
imperador, mas como um chaveiro capaz de abrir as melhores
e mais estreitas portas do submundo. Foi numa noite dessas
que salvei a reputação do ilibado de toga, retirando-o de um
inferninho pouco antes de um bando inteiro de jornalistas da
capital baixar no terreiro penoso em que o juiz estava apos-
tando. Era do Sampaio que eu ia cobrar o favor.

...

O juiz me recebeu com honras de herói de guerra e ser-
viu uísque com selo intacto enquanto eu lhe descrevia o per-
rengue em que me metera. Ouviu atento e, raposa velha, le-
vantou uma questão que passara em brancas nuvens para o
idiota aqui.

– Onde deixou seu carro?

Bati com a mão na testa: na entrada da casa da serra.
Deve ter sido rebocado pela polícia para posterior averigua-
ção. Sampaio se ofereceu para cuidar do assunto e eu não me
importei. Seja como for, não era por aquilo que eu o procu-
rara, mas para ter alguma ideia do interesse do promotor
Hayworth em Hans. E por que desistira do caso contra o bi-
cheiro.

– Vou lhe contar o que sei daquele escroque – falava de Hayworth. – Era um pulha. Mas nada do que eu lhe disser poderá ser provado. Ocorre que me contaram com juras de vigário que Hayworth fez um acordo com o Vidigal.

– Eu já imaginava. Tem ideia de que tipo de acordo?

– O interesse de Hayworth pelas terras do alemão é anterior à investigação contra o bicheiro. Lembro que o nosso ilustre promotor tentou comprar Qwatzuan uma centena de vezes. E que foi à loucura quando o alemão anunciou que construiria lá um resort.

– Mas há tantas terras à beira mar neste quinto dos infernos...

– Nunca soube exatamente por que ele queria aquela área. É um bom pedaço de terra, mas... sabe, não se pode atracar de barco, por causa das rochas do quebra-mar. É tão distante quanto o inferno, uma enseada rochosa que é difícil e longe de se chegar. Devia ser alguma ideia fixa.

– Mas e o acordo com Vidigal?

– Era por causa de Qwatzuan.

– Como assim?

– Hayworth não queria aparecer na jogada e chantageou o Vidigal para comprar as terras do Hans: engavetou a investigação recheada de provas e cobrou do bicheiro uma parceria.

Dizem por aí que Vidigal usou o gosto por garotos do velho Hans para forçar a venda. Papo furado. Todo mundo nas rodas mais altas sabia do alemão. E ele tinha dinheiro bastante para ninguém ligar. Ia em Parada Gay, boates e festas coloridas. Hans não dava a mínima para a coisa: não tratava isso com o um segredo. Aliás, não tratava isso. Ele vivia isso. E era feliz.

– Mas então...

– Vidigal acertou outro lugar do Hans: seu coração.

– Está falando do pescador que era capataz de Hans em Qwatzuan?

– Você não está de todo no escuro, Eric. É dele que estou falando. Hans e o pescador, um tipo grandalhão e bronco, tinham um caso. Acontece que o rapaz veio de uma família religiosa e tudo. E o Vidigal deixou escapar para os crentes o namoro pecaminoso do pescador.

Lembrei dos panfletos de igreja na casa do rapaz.

– Mas, Sampaio, se pouco sei dessas religiões... não era o caso de eles expulsarem o rapaz?

– Pois é. Isso eu não sei. Devem ter prometido o inferno e o capeta para o garoto se arrepender. O fato é que o Hans acabou chupando o dedo. O Vidigal disse que dava um jeito de devolver o garoto do alemão se ele...

– Vendesse as terras.

– Isso.

– Nessa parte a estória fica meio fraca.

– É, eu sei. Mas é o que me disseram.

– Como sabe essas coisas?

– Mandei investigar Hayworth há alguns meses. Estava tentando juntar provas, mas o safado era difícil. A única coisa que descobri foi que Gilda, aquela mulher linda, tinha um caso com um certo dono de bar...

Sorri.

– Você iria prender o Hayworth?

– Eu não. Ia repassar tudo para gente mais graúda. Mas não vem ao caso. Seja como for, Hayworth sabia que estava com os dias contados. Fosse lá o que tinha com Qwatzuan, era sua tábua de salvação. Jogou todas as suas fichas nisso.

– Com todo respeito, meritíssimo, é a estória mais esdrúxula e cheia de pontas soltas que ouvi nos últimos tempos.

– Mas é a parte que sei. Aceita outro drinque?

...

Era madrugada quando voltei para o bairro do falecido Vidigal. A casa estava às escuras e entrei pelo portão por onde fugira. Subi por um caramanchão na varanda da cozinha. An-

dei por um telhado quebradiço e cheguei à janela do escritório. Tive que forçá-la. Encontrei lá dentro tudo praticamente igual, exceto que a poltrona não aninhava mais o corpanzil mortinho do bicheiro.

Não importava.

Fui até o quadro. Abri-o como a uma porta. E passei a testar a combinação que eu acreditava serem os números rabiscados a sangue pelo Vidigal. Batata! O cofre fez um *click* harmonioso no final. Mirei a lanterna lá dentro. Uns pacotes de dinheiro e um monte de papéis. Tirei tudo para a mesa grande no canto. Vasculhei e vasculhei e vasculhei e encontrei três coisas que fizeram sentido. A primeira era o contrato de compra e venda de Qwatzuan. Estava assinado pelo alemão e por Vidigal. Mas não estava registrado. A segunda coisa que encontrei explicava a minha dificuldade em acreditar que Hans teria cedido a uma promessa manca do bicheiro em trazer o pescador carola de volta para sua cama: duas folhas inteiras de assinaturas do alemão. Uma lista de cabo a rabo, repetindo a rubrica de Hans. Eram todas parecidas entre si e com a que estava no contrato. Mas... ligeiramente diferentes da que estava em uma folha de cheque grampeada no alto delas. O cheque era para pagar as contas de uma cafeteria. E as folhas eram... tentativas de imitar a assinatura do alemão.

Sorri. Será que o promotor sabia que o Vidigal não tinha conseguido comprar coisa nenhuma as terras de Qwatzuan?

E então esbarrei naquela terceira coisa. E entendi de pronto porque todo aquele alvoroço ao redor das terras de Hans. Minha boca caiu enquanto eu paginava as folhas daquela pasta final. Sampaio tinha razão: Hayworth não ia precisar de sua carreira de promotor depois daquilo.

Enfiei a mão no bolso e tirei de lá o recibo de peixe que Gilda me entregara. E então entendi o que ela quis me dizer.

(Parte 9: Quando a verdade enfim se revela!)

Não consegui dormir. Depois de um tempo olhando para o teto, acendi um cigarro e fui para a janela do apartamento olhar o movimento da alvorada. Pensei no que é que eu tinha: um testamento que o bicheiro queria e, segundo o maridinho ameba de Pattie, fora entregue de mão beijada a homens do vereador. Tecnicamente, o testamento deveria estar em poder do Vidigal. Mas, aparentemente, não estava. Bem... o assassino podia tê-lo levado. O que me levava ao pescador brucutu. De fato, era quem tinha todos os motivos para caçar Hayworth e toda a corja mafiosa de Emílio Vidigal.

Mas havia algumas coisas que não funcionavam nessa explicação e a principal era: estive com Teodoro Esculápio (o pescador) antes de sair em disparada para casa de serra do vereador Rioverde. Só voando o rapaz poderia ter chegado antes de mim, ateados fogo na mansão e matados todos eles. Aliás... era praticamente impossível que uma pessoa só tivesse feito aquilo.

Além disso... por que ele teria matado Gilda? Vingança contra Hayworth por ter perseguido o alemão? Ora, vamos...

Gilda sozinha já vingava o marido muito melhor que um cafetão com um trinta e oito na mão. De fato... pensei outra vez naquela sensação de que eu estava sendo alvo de uma armadilha... Parado na janela, joguei a guimba fora.

...

Muito bem, era hora de obter algum resultado, porque as respostas estavam todas desencontradas. Por isso, fui até a casa do namorado de Hans. Não esperava encontrá-lo. Mas, vejam só, o rapaz estava mesmo lá. Achei que, com toda a confusão, se realmente fosse o assassino, já teria recuperado o testamento e sumido no mundo. Mas o infeliz estava lá, deitado em sua cama. Parecia um armário debruçado num catre, roncando como o cano de descarga de um trator. Peguei uma cadeira velha na sala, levei até o quarto e bati com ela no chão, antes de me sentar. O sujeito deu um pulo e sentou-se na cama como quem acaba de ter um pesadelo em que o diabo espeta seu traseiro com um marcador de gado.

– O senhor de novo? – Teodoro Esculápio disse. Mexi com a mão direita para que ele pudesse ver a pistola. Ele pareceu desconcertado e meio incomodado, mas em momento algum mostrou agressividade.

– Preciso de algumas respostas depressa.

Ele meneou a cabeça.

– O que fez com o testamento de Hans?

Pensou um pouco. Uma ruga surgiu entre as sobrancelhas grossas que tinha.

– Ora... eu? Não fiz nada com ele.

– Onde o guardou?

– Eu? Não guardei. Foi o seu Hans que guardou.

– Está me dizendo que não o pegou? Que não sabe onde ele está?

– Claro que sei. Seu Hans guardou com aquele homem de documentos.

– O contador?

– Não, não o pastor. O moço daquele lugar de documentos na cidade. No cartório.

– No cartório?

– É.

Fiquei um tempo raciocinando aquilo e me dei conta de repente, que os testamentos não são como nos filmes antigos: precisam ser registrados.

– Téo, meu velho – eu disse, sorrindo para a idiotice de toda aquela estória – o Hans deixou mesmo tudo para você?

Ele desviou os olhos. Estava ficando envergonhado.

– O seu Hans era um homem muito bom.

– Imagino. Já que é dono de toda a fortuna de Hans, por que ainda está vivendo aqui?

– Não fiquei com nada dele. O senhor entende? Eu... e ele... nós...

– Entendo, Téo. Mas o que fez então com a herança?

– Ora... o que o pastor disse.

– Pastor, que pastor?

– Eu preciso que meu Jesuizinho me perdoe por tudo o que fiz. E que perdoe o seu Hans. Por isso, dei tudo de meu para a igreja.

Baixei a arma. Baixei meu queixo. Sorri. Não era um sorriso divertido. Olhei para a porta do quarto e de lá dava para ver a mesa feia da sala, sobre a qual estavam os panfletos da igreja que o pescador frequentava. E então me lembrei de uma pergunta que fiz logo de cara e da maneira como ele respondeu. Eu perguntei se Hans tinha guardado o testamento com o contador e Teobaldo respondeu: Não, não o pastor. Eu me levantei e fui até lá buscar uma propaganda da igreja. É. Eu a conhecia. Claro que conhecia. Que idiota... Vírei o panfleto e li que o Pastor Eric queimará seus pecados todas as sextas! Voltei-me para o Tarzan.

– Téo, por que o seu ex-patrão nunca quis vender Qwatzuan?

– Ele gostava muito daquele lugar. Dizia que era um paraíso na terra. E dizia que os homens que queriam comprar... eles iam destruir tudo por causa... daquele... – o pescador silenciou de repente. Olhou desconfiado para mim.

– Iam destruir tudo por causa do que existe embaixo das cavernas rochosas na ponta da enseada, não é?

Ele afirmou a cabeça, meio surpreso porque eu sabia.

– Ele chegou a começar a obra do hotel, mas teve que parar por causa daquele homem da lei.

– Hayworth.

– Isso. Eles eram amigos antes. O seu Hans chamou ele pra ser sócio no hotel. Mas quando o seu Hans contou o que havia nas cavernas...

– Hayworth mudou de ideia. Existe alguma construção em Qwatzuan?

– Pouca coisa. Seu Hans só conseguiu terminar mesmo foi a capela. O resto ficou abandonado.

– A capela vai servir – resmunguei. Levantei-me. – Preciso que faça um favor pra mim, Téo. Quero que diga ao pastor que eu tenho o contrato. Diga a ele que eu consegui com o Vidigal o contrato que Hans assinou. E que eu vou estar na capela em Qwatzuan, esperando por ele.

– Que contrato?

– Ele sabe de que contrato estou falando.

...

Passei no bar e fiz uma última ligação, antes de seguir para as longínquas terras de Qwatzuan, o paraíso perdido de Hans. Eu ia precisar de ajuda, no fim das contas. O problema era que, se desse alguma coisa errada, eu poderia acabar preso. Ou até morto. No fim das contas, não importava muito. Meu coração já estava mesmo partido em pedaços.

Peguei a espingarda calibre doze embaixo do balcão e fui embora, certo de que aquela estória estava chegando ao fim. Talvez não tivesse o fim que eu queria, mas seria, definitivamente, um fim.

...

Já lhes disse o nome da minha cidade? Baía do Diabo. Fica no fim de um vale de montanhas de Mata Atlântica quase virgem, perigosa e fincada em formações íngremes como corredores de rocha sólida. O início dessa formação fica em Qwatzuan, que recebe do mar a maior parte da carga elétrica das tempestades de verão. Dizem que Hans comprou aquele pedaço de nada por uma ninharia. Ninguém queria aquilo, porque Qwatzuan era, na verdade, um receptáculo de tormentas. As mais fracas chegavam do mar e eram barradas pela serra, mas eram apocalípticas ali.

E havia a Lestada – que era o nome dado pelos pescadores para aquelas tempestades que atingiam até a cidade, atrás do corredor íngreme que as montanhas formavam. Nos anos 1980, tivemos uma dessas. Destruiu quase tudo. Os velhos gostam de dizer que temos pelo menos uma a cada 30 anos. Está na hora da próxima...

Mas naquele dia, o céu estava claro e o mar abaixo do penhasco onde Hans construiu a capela estava azul como os olhos de Deus numa gravura beata. Depois de quase hora e meia de viagem por estradas de terra batida e passando por dois túneis decrepitos, cheguei à parte principal da propriedade. Passei pela construção abandonada e segui para o penhasco. Encontrei a porta da igrejinha amarrada com uma corda velha e levei um tempo para desatar o nó. Por fim, entrei e caminhei até o altar vazio. Um bom lugar para esperar. Peguei uma cadeira e me sentei virado para a entrada, com o rifle aninhado feito um bebê entre os braços. Ou como quem deita a bíblia sobre as pernas para começar uma oração.

Não, eu não sou um cara muito religioso.

Depois de muito tempo, quando a porta finalmente se abriu lá adiante, não precisei levantar os olhos para saber quem entrava. O sol por trás da silhueta lançou sua sombra

até quase os meus pés. Suspirei cansado. Na correria, tinha me esquecido de apanhar os cigarros.

Tudo bem, eu queria mesmo um motivo pra parar.

(Parte 10: Quando o fim veio beijar meus lábios)

– Imaginei mesmo que ele fosse mandar você para fazer o trabalho sujo – resmunguei, encarando sua silhueta lá adiante, na entrada da capela, como se pudesse enxergar o diabo nela.

– Como soube? – Pattie perguntou. Dei de ombros.

– Onde está o contrato, Erik? – ela foi direta.

– Me responda antes: seu marido nunca perdeu aquele testamento, não é?

– Não.

– Porque os testamentos são registrados em cartório muito antes da morte do declarante. Como não me lembrei disso?

– Só preciso desse contrato, Erik. Por favor, me entregue. Depois vamos todos embora.

– Todos? Não está sozinha? Que interessante. Onde ele está? Lá fora, esperando que eu saia? O que ele vai fazer? Vai mesmo me deixar ir embora sabendo o que sei? Que vocês só precisavam que eu estivesse naqueles locais para apagarem os rastros e eu levar a culpa?

– O contrato, Erik , por favor.

– O contrato era o motivo de tudo, não é? Vocês convenceram o pescador a entregar todos os bens de Hans para a igreja. Mas então descobriram que o alemão tinha vendido Qwatzuan para o bicheiro. O dinheiro de Hans deve ser muita coisa, mas nada vale mais que este terreno. Nada vale mais que um pedaço de rocha sobre uma cadeia de cavernas que esconde um poço de petróleo borbulhando para ser sugado. E então eu entro na estória: vocês roubam o contrato e eu acabo de bode expiatório. Com tantas mortes na minha conta, quem ia se lembrar de perguntar sobre um contrato de compra e venda deste lugar perdido no nada? Pattie... como foi que se meteu nisso?

Ela ficou em silêncio. Não sei se era aquela minha parte apaixonada falando, mas achei que ela quisesse me contar as coisas de seu jeito. Mas se o marido estava mesmo ali, ela não falaria. Não poderia. Então decidi que era hora de saber a verdade diretamente dele. Era sempre mais fácil arrancar um discurso de um sujeito cheio de ciúmes.

– Foi sempre assim, Pattie? Desde o início? Quando entrei naquele hospital e você veio cuidar do ferimento em minha testa... e tudo o que vivemos depois...

– Erik, aquilo jamais... poderia acontecer – ela escolhia as palavras. – Por isso fui embora. Tenho minha vida e...

– Já conheço o discurso. Mas fico intrigado... como foi mesmo que ele a perdoou, mesmo sabendo de tudo o que houve entre nós?

– Erik, não temos mais que discutir esse assunto. Você mesmo disse. Entregue o contrato...

– Fico tentando imaginar que espécie de bom samaritano com sangue de barata perdoaria a mulher que passou três dias com outro homem num hotel e fez com ela coisas que ele só tem coragem de pedir em sonhos e devaneios, quando está sozinho no chuveiro.

Ela arregalou os olhos e meneou a cabeça negativamente, para que eu parasse.

– Vamos, Nell, me conte – eu pedi sorrindo, chamando-a pelo apelido que só eu usara até então. E surtiu melhor efeito que se tivesse enfiado pregos em brasa debaixo das unhas daquele idiota.

– NÃO A CHAME ASSIM, SEU MERRRRDA! – ele entrou berrando, desconjuntado, ridículo e descabelado. Apontava uma arma na minha direção, mas não atiraria até ter o contrato. Levantei as mãos e sorri.

– Olá, Eric, meu pastor predileto. Que bom que você está aqui. Poderemos esclarecer um monte de coisas assim.

– ONDE ESTÁ O CONTRATO? – a voz era fina, estridente e magoada. Senti pena dele. No fim, sempre tive mais pena dele do que de mim, mesmo tendo sido eu o abandonado. Imagina que num dia de sol, numa rodada de baralho, num funeral, num bar tomando uma soda gelada... alguém conta uma piada sobre adultério, cita uma matéria de jornal sobre traição, insinua de brincadeira que a mulher do fulano... Ele deve se lembrar sempre, a todo instante!

– Vamos fazer um trato – eu sugeri, agora sério, porque ainda tinha coisas que eu queria saber, antes do fim. – Eu entrego o contrato e você me explica por que, diabos, matou Gilda?

– E quem é essa? – ele perguntou. Vi confusão em seus olhos. Franzi o cenho. Eu ia argumentar que ela não tinha nada com tudo aquilo, mas... de repente... Vi em seu ar de panaca que realmente não sabia de quem eu estava falando. Encarei Pattie. Ela desviou os olhos. Senti o chão tremer.

– Por quê? – perguntei. Senti dor de verdade, desta vez. Eu já sabia a resposta.

– Ela ia... acabar destruindo você – Pattie resmungou. No fim, Gilda morreria pelo ciúme de Pattie. Não era justo.

– Você aproveitou o momento, não foi? – eu indaguei.
Mas era bem claro agora.

– Você só tinha que ficar na merda da casa do bicheiro!
– o idiota disse, interrompendo, magoado de novo por estar com arma e mesmo assim não saber de nada do que havia entre mim e Pattie. – É como você disse, estava tudo armado. Você ia ser preso. E eu salvaria você da cadeia.

– E eu teria que ser grato a você por ter aliviado meu rabo magro da cadeia – eu resmunguei, voltando-me para ele com um nó no peito.

– Você pega as coisas depressa. Onde está o contrato?

– Uma última coisa – eu disse, respirando fundo. – Quando enfiou a faca nas costas do Vidigal... eu estava ali caído no chão do escritório...

– Ah! Como eu queria ter enfiado aquela faca em você... Mas o dever primeiro! Sabe, o velho não levou muito tempo para morrer...

– Você mesmo o matou...

– Que importância tem isso agora? – o pastor Eric roncou.

– Quero ter certeza do que você é capaz. Vou entregar seu contrato – menti – mas você tem uma arma e eu quero estar certo de com quem estou lidando.

– Quer saber se eu mataria você? Teria muito prazer. Mais do que tive enfiando aquela faca naquele verme...

– Não precisa ir adiante – avisei. – Você me convenceu. E à polícia também.

– Do que está falando? – foi Pattie quem perguntou. O maridinho dela ainda não tinha percebido. Ele demorava mesmo para pegar as coisas.

Tirei o walkie-talkie do bolso. Queria ter usado o celular, mas achar um sinal naquele fim de mundo seria ganhar sozinho na loteria com seis números consecutivos. Assim que viram o que estava no meu bolso, também ouviram o barulho dos carros chegando. E das sirenes. Meu velho e descabelado xará virou-se para a porta, aturdido. Não tinha sido fácil convencer o delegado Falcão de ir até ali com um telefonema só, mas ele me devia favores... Nessa cidade, todo mundo deve alguma coisa para alguém.

Foi minha deixa. Levantei a espingarda e atirei antes que ele pudesse se voltar. O cartucho detonou doze bolinhas de chumbo no ombro direito do sujeito. Ele tombou de lado, gritando. Quando me dei conta, Pattie já tinha fugido.

Mas não ia ficar assim.

...

Ela correu na direção do penhasco, enquanto ouvíamos ao fundo as sirenes aproximando-se. O que eu sentia? Raiva e dor. E remorso. Era como se eu mesmo tivesse puxado o gatilho contra Gilda. No fim, era mesmo minha culpa.

– Pattie! Pare! – ela havia chegado à borda do precipício e procurava um lugar para descer. Parei a alguns metros dela. Quando se virou, vi que chorava.

– Você vai me perdoar um dia? – perguntou.

– Por ter me deixado sozinho naquela estação? Eu nunca a culpei por isso.

– Eu... não podia suportar a ideia de... de ela ficar com você.

– Minha estória com Gilda já havia terminado.

– Depois que Hayworth estivesse morto... vocês acabariam...

Suspirei de nojo. Fiz uma careta. Minha vontade era levantar aquela arma e atirar nela. Antes que fizesse uma besteira, larguei a doze no chão de rochas pontudas e caminhei até ela.

– Não posso perdoar você por isso.

– O que vai acontecer comigo?

– Vai ser presa. E eu vou depor contra você – acabei dizendo, mas não havia raiva em minha voz. Apenas resignação.

– Ele não vai deixar que eu seja presa. Vai me matar antes, para me calar.

– Seu marido?

Ela meneou a cabeça negativamente.

– De quem está falando?

– Naquele dia... meu marido já havia descoberto sobre nós dois. Eu iria deixá-lo para ficar com você. Mas... seu amigo... ele descobriu sobre a igreja. Ele estava trabalhando para um credor da igreja e descobriu que era tudo fachada.

– De quem está falando?

– Seu amigo Jack... ele chamou você para aquele trabalho. Ia roubar documentos que provavam o envolvimento de todos eles, de todos por trás dos negócios da igreja.

De repente a morte de Gilda era um mal menor. Senti uma tontura inebriante.

– O que está dizendo? Pelo amor de Deus, não me diga...

– Eles me obrigaram, Erik. Me obrigaram a afastar você de Jack, porque tinham medo de vocês dois juntos.

Senti o sangue ferver e agarrei seus braços.

– Está dizendo que combinou fugir comigo apenas para que eu deixasse...

– Deixasse Jack fazer o serviço sozinho, porque seria mais fácil matá-lo – ela estava de cabeça baixa e chorava. Eu a soltei, com medo de que aquela nojeira toda se impregnasse em mim. Afastei-me um passo. Tremia completamente. Que espécie de ser humano era aquele?!

Ela levantou os olhos. E havia tanta dor e arrependimento ali que, por meio segundo, por apenas uma fração, eu vi a mulher que amei. Sentia-me cansado e derrotado.

– Por quê, Nell?

– EU JÁ DISSE QUE NÃO GOSTO QUE A CHAME ASSIM!!!!!!!!!!!!

Tive tempo de me virar. O grito veio de alguns poucos passos. Ali, parado onde eu deixara a espingarda, estava aquela ameba irritante e desconjuntada: Eric , o pastor, o marido de Pattie. O ombro direito estava destruído, ensanguentado. Lá atrás, correndo em nossa direção, estavam o delegado Falcão e sua trupe. Nunca chegariam a tempo. E, se querem saber, eu torci para que não chegassem mesmo. Por Gilda. E por Jack, meu velho irmão.

No fim, era mesmo minha culpa.

O marido de Pattie atirou, usando minha espingarda pendurada no braço esquerdo. E nesse risco de segundo eu me lembrei do sorriso divertido de Pattie quando me contou que o marido tinha o mesmo nome que eu. Disse que inventaria um apelido para mim, porque se sentia estranha dizendo o meu nome. Ela me chamaria de El, porque era o apelido de uma amiga e assim o pastor nunca desconfiaria. Eu disse que, se tivesse um apelido, ela também teria um. E passei a chamá-la de Nell... El e Nell viveriam felizes para sempre.

Que idiota.

Pattie saltou em minha frente quando percebeu o que o pastor ia fazer. E o tiro acertou-a de um jeito que seu corpo rodopiou para baixo e para o penhasco, tão rápido quanto eu pude piscar. No instante seguinte, dois policiais atiraram em Eric, o ameba saltitante. Ele caiu para frente com a cara nas pedras. Estava morto. Eu me ajoelhei depressa e tentei pegar Pattie pela roupa, enquanto ela rolava para a borda.

...

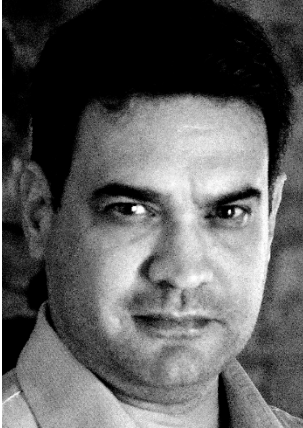
Fiquei ali, olhando para o mar que se quebrava nas rochas sob o abismo. As correntes, disseram os mergulhadores mais tarde, podem ter levado o corpo para qualquer caverna. Ou para o mar aberto. Jamais a encontramos.

Antes mesmo de chegarmos de volta à cidade, naquele dia, a igreja não existia mais. A sede e o escritório de Eric foram incendiados. Sou bom, eu disse, em procurar coisas, mas nunca achei o rastro de quem quer que estivesse por trás da morte de Jack, dos negócios da igreja...

Por via das dúvidas, guardei o contrato falso. Um dia, alguém há de aparecer.

Voltei para o bar. Nas noites de tempestade, eu ainda me sento naquela banquetta no palco e tento dedilhar uma canção triste. Nunca fui bom como o velho Jack Seis Dedos. Mas sempre tive as melhores histórias para musicar. Ele mesmo dizia. E eu devia merecer isso. Devia merecer tudo. Afinal, todos se foram. Por minha culpa.

E eu fiquei para fechar as cortinas e apagar a luz.



Jefferson Sarmiento é autor dos livros *Velhos segredos de morte e pecados sem perdão* e *Os ratos do quarto ao lado*, um apaixonado pela literatura e o cinema *noir* de onde saíram Erik, Pattie e para onde certamente retornaremos um dia para saber o que houve com Jack Seis Dedos e quem realmente estava por trás de tudo.

Acesse: www.facebook.com/jefferson.sarmiento.escriptor